

RAQUEL

ONDE NASCEU

Hospital Regional de Taguatinga (HRT)

ORIGEM FAMILIAR

A mãe é goiana e o pai mineiro.

LEMBRANÇA DE INFÂNCIA

"Jogar futebol com outros garotos"

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA

Da vida noturna da cidade. "Tem vários barzinhos. A cidade não perde em nada para as outras capitais"

GREICIANE

ONDE NASCEU

Hospital Regional de Taguatinga (HRT)

ORIGEM FAMILIAR

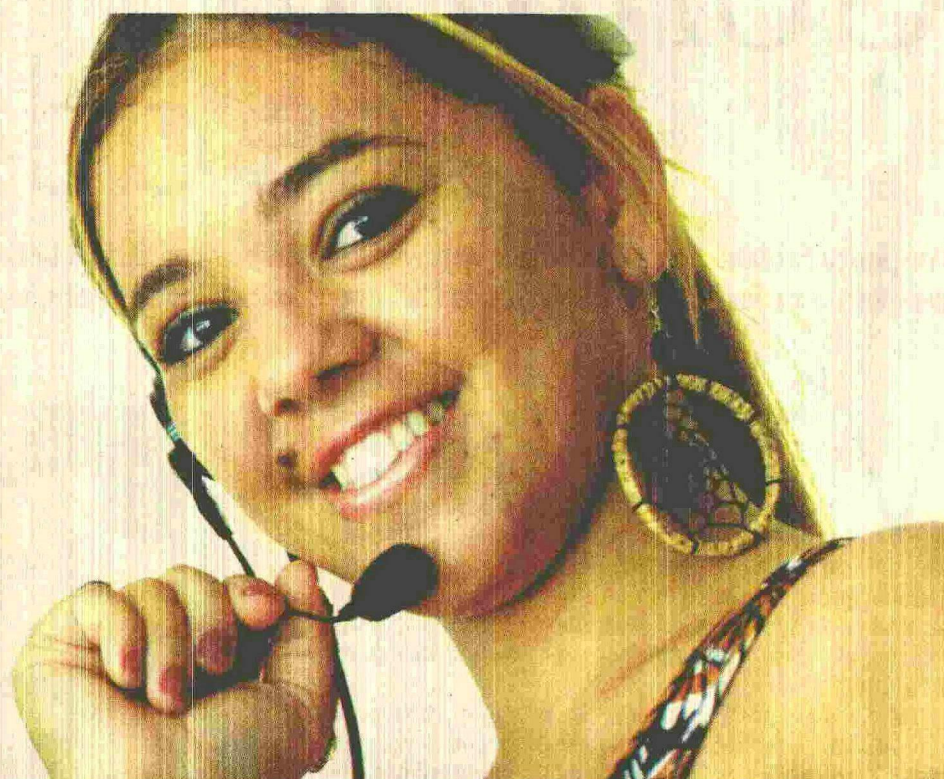
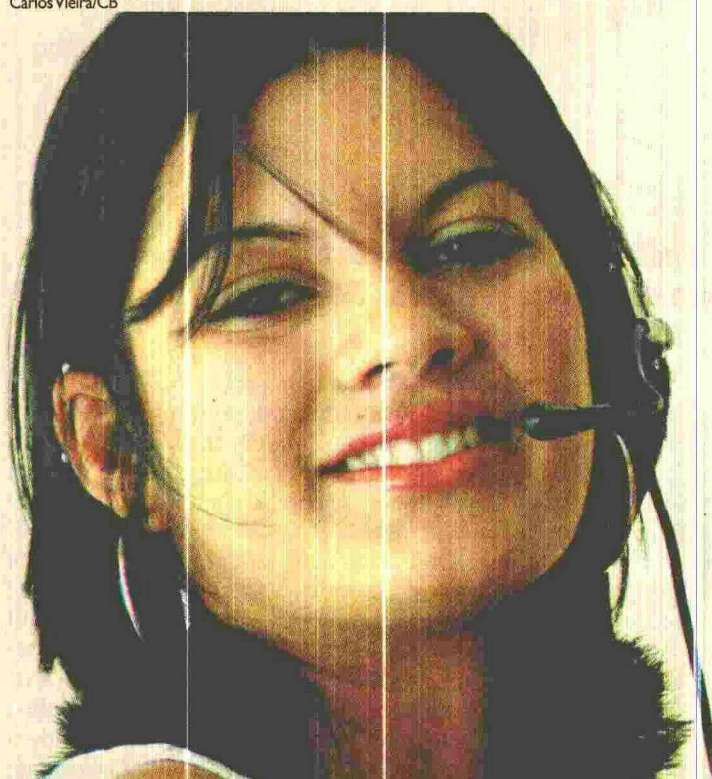
Pai e mãe potiguares

LEMBRANÇA DE INFÂNCIA

"Tomar sol no Parque da Cidade e na Água Mineral"

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA

Das pessoas. "Tenho muitas amizades e gosto de fazer novos amigos"



RAQUEL, MORADORA DE SANTA MARIA, E GREICIANE, DE SANTO ANTÔNIO DO DESCOBERTO. ROTINA ESTRESSANTE E LAZER EM VÁRIAS CIDADES DO DF, COMO O GUARÁ E A ÁGUA MINERAL

AMIGAS

desde o berço

JORGE DE CASTRO

DA EQUIPE DO CORREIO

O emprego muitas vezes é ingrato. Afinal, nunca se sabe quem estará do outro lado da linha e como o interlocutor irá recebê-lo. Com paciência e uma voz meiga — atributos que ajudam nesse tipo de trabalho —, elas ligam para dezenas de pessoas a fim de convencê-las a comprar o produto. Além de baterem metas e objetivos, ganham um bônus a cada novo cliente. Se conseguirem dois em um único dia, elas podem escolher alguns dos inúmeros biscoitos que ficam atrás dos terminais de atendimento de uma empresa de venda de assinaturas.

Durante 6 horas por dia, a rotina das amigas Raquel Martins, 24 anos, e Greiciane Lira, 22 anos, é essa. "Infelizmente o telemarketing é feito de números. Temos que bater as metas. Fim de mês é uma loucura", conta Greice, como é conhecida pelas amigas. "É o ritmo do serviço, mas é ótimo", afirma ela.

Raquel reclama apenas da visão que as pessoas têm do operador de telemarketing: a de ser uma pessoa chata. As duas são enfáticas em desmentir a tese. "Não somos insistentes. Quando a pessoa não quer comprar, nós compreendemos. O que fazemos é perguntar quando podemos ligar novamente", ressalva Greice. "Ficamos amigos deles. Há alguns que pedem, mesmo depois de assinar o produto, para continuarmos ligando", completa Raquel com satisfação. Segundo

o Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações do Distrito Federal, há aproximadamente 10 mil operadores no DF.

A entrevista, inicialmente, era para ser com apenas uma delas, mas as respostas e os gostos das duas se complementaram. "Mesmo no domingo, quando não trabalhamos, acabo ligando para ela", conta Raquel. As duas se encontram todas as manhãs, de segunda a sábado no trabalho. À noite, Raquel vai para a faculdade, onde faz o segundo semestre de jornalismo. Greice não quer ficar atrás nos estudos e promete para o ano que vem o retorno às salas de aula. "Acho que vou fazer educação física. Assim, posso trabalhar e fazer exercícios", explica.

A vida delas se cruzaram há quase dois anos, quando ambas eram operadoras em outra empresa. Mudaram de firma e hoje freqüentam os mesmos locais e dividem as mesmas amizades. Antes de se conhecerem, cada uma teve uma história distinta, mas com algumas coincidências, como o local onde nasceram, o Hospital Regional de Taguatinga (HRT).

Os pais de Raquel se encontraram em um ônibus, quando iam para Ituiutaba (MG). "Eles sentaram um do lado do outro e acabaram se conhecendo". Os pais da outra, vindos de Natal (RN), precisaram de um ônibus para casar. "Meu avô materno não queria o casamento. Não adiantou. Depois de viajarem quatro dias em um ônibus, eles chegaram à Taguatinga, em 16 de abril de 1975", relata Greice.

É tetra

Moradora do Guará até os 18 anos, a estudante de jornalis-

mo passou a infância e a adolescência estudando e brincando nas quadras da Asa Sul, enquanto a mãe trabalhava como cabeleireira no comércio da 113 Sul — profissão que tem até hoje. "Adorava brincar de futebol com os meninos. Sempre fui muito moleca", lembra ela. Enquanto isso, Greice, com 13 anos, já ajudava o pai comerciante na loja da família em Santo Antônio do Descoberto, município a 44km de Brasília. Mas isso não a impediu de se divertir e curtir a fase. "Adorava ir para a Água Mineral com a minha irmã. Revezava entre a piscina e o sol. Era bronzeada naquela época", comenta a morena.

Durante a Copa de 1994, quando o Brasil ganhou o tetracampeonato de futebol, Raquel estava no Eixão, atrás do carro de bombeiros que levava os atletas. "Fui com a minha mãe até a Esplanada seguindo os jogadores. Lembro que o Cafu jogou a camisa dele para mim. Só que um cara maior do que eu estendeu o braço e pegou. Fiquei desolada. Mas, de cima do carro, Cafu pediu desculpas."

Enquanto Raquel mora em Santa Maria, Greice vive há cerca de 20 anos em Santo Antônio do Descoberto. Mas a distância não é problema para que ambas curtem juntas as atrações que a capital federal oferece. "Dizem que não há muita opção de lazer em Brasília. Eu discordo. Sempre tem exposições, shows, temos a nossa praia: o Lago Paranoá", enumera Raquel. "Aqui tem muitos bares legais para ir à noite. Outro lugar que vamos bastante é o Sesc do Guará", completa Greice.